

## O SÍTIO ARQUEOLÓGICO RÁGIL II

Marcel NUNES RIBEIRO \*

Neide BARROCA FÁCCIO\*\*

**Resumo:** Trata o presente texto da análise da variabilidade cerâmica do Sítio Arqueológico Ragil II, localizado no entorno da nascente da Água do Caracolzinho, afluente do Rio Paranapanema. Foi dado enfoque para a análise da cadeia operatória, o que pressupõe o estudo da vasilha, desde o momento da coleta da argila no barreiro até o descarte do vaso. Nesse sentido, o estudo da paisagem onde está localizado o sítio e seu entorno constitui importante elemento de análise.

**Palavras chave:** cerâmica guarani; índios guarani; ocupação indígena.

## THE ARCHAEOLOGICAL SITE RAGIL II

**Abstract:** Summary: This paper addresses the analysis of ceramic variability Ragil II Archaeological Site, located in the vicinity of the source Água do Caracolzinho, a tributary of the Rio Paranapanema. Emphasis was placed to analyze the operational chain, which requires the study of the pottery, from the moment of collecting the clay at source to disposal of the vessel. In this sense, the study of the landscape where it is located the site and its surroundings are an important element of analysis.

**Keywords:** pottery guarani; guarani Indians; Indian occupation.

---

\* Endereço eletrônico: [marcel\\_nr@hotmail.com](mailto:marcel_nr@hotmail.com) - Bacharel em Geografia da FCT/UNESP.

\*\*Endereço eletrônico: [nfaccio@terra.com.br](mailto:nfaccio@terra.com.br) - Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente da FCT/UNESP.

## 1. Da História da Arqueologia à Arqueologia Paulista

O tratamento da arqueologia como ciência, no Brasil, é recente, tendo seu início se registrado na década de 1950, sob influência da escola francesa de arqueologia, com o casal Emperaire, que realizou escavações no Paraná e ministrou cursos de métodos e técnicas, vindo a formar o que seria a matriz dos primeiros arqueólogos. Nos anos 1960, surge o PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - marcando a entrada da escola americana de arqueologia no país, sob a coordenação de Betty Maggers e Clifford Evans.

O PRONAPA, a quem se atribui o mérito de ter inaugurado uma nova arqueologia no Brasil, reuniu vários arqueólogos de diferentes estados, que partindo de uma mesma nomenclatura e metodologia, procuraram elaborar um quadro geral das ocupações indígenas ao longo do litoral e das principais bacias fluviais. Foi o primeiro passo para uma arqueologia com técnicas e métodos padronizados, afastando de cena o amadorismo que era comum no território brasileiro em se tratando dessa ciência. No entanto, esses grupos que dominavam o cenário arqueológico brasileiro, nas últimas décadas, impuseram um modelo que limitava as pesquisas, não permitindo a discussão de novas ideias e a interdisciplinaridade da arqueologia com outras ciências. Além disso, a classificação arqueológica dos artefatos era mecanicista e artificial, não levando em conta o porquê do fabrico e da utilização de determinado artefato por uma sociedade.

Não se pode, por exemplo, desconsiderar a estreita relação entre arqueologia e etnologia, uma vez que para reconstituir graficamente uma peça, fazer inferências a respeito das relações sociais e culturais, além de reconstruir artefatos e entender sua função social é necessário ter o conhecimento da cultura da sociedade pretérita que ajudará na elucidação de enigmas para os quais, muitas vezes, o arqueólogo sozinho, sem análises etnográficas, não encontra solução.

A partir dessas considerações iniciais, o trabalho realizado no Baixo Paranapanema paulista levará em conta o que Moraes (2000) classifica como Sistema de Ocupação Regional, não se restringindo à classificação de artefatos, mas abordando toda a sociedade na sua relação com o meio em que estava inserida.

Para isso, optou-se pelo estudo e análise dos elementos da cultura material (variabilidade cerâmica) e do ambiente do Sítio Arqueológico Ragil II

(**Figura 1**), localizado no Município de Iepê, SP, visando contribuir para o conhecimento do Sistema de Ocupação Regional Guarani, na área do Vale do Rio Paranapanema, Estado de São Paulo.



Figura 1: Sítio Arqueológico Rágil II.

Esta análise foi guiada pelo enfoque que estuda toda a cadeia operatória da confecção da cerâmica, desde a coleta da argila, passando pelo processo de confecção e sua utilização pela sociedade, até o posterior descarte ou mudança de uso, quando assume então outra função social.

Para o estudo da cerâmica Guarani do Baixo Paranapanema paulista, essa opção foi essencial, haja vista que não basta somente classificar os artefatos mas, analisá-los em seu contexto social e considerar sua importância para a sociedade em questão.

Todo o trabalho foi elaborado no intuito de entendermos como ocorreram as ocupações e o desenvolvimento das populações pré-históricas no Vale do Rio Paranapanema, sendo que para isso precisamos reconhecer o fato que, ao longo de sua vivência, o homem imprimiu na paisagem

alterações que se perpetuaram no tempo. A paisagem que enxergamos atualmente no Paranapanema foi, portanto, modificada pela atuação dos homens que ali viveram. E para que se possa conhecer as formas como o homem pré-histórico se relacionou com a paisagem, a abordagem interdisciplinar muito tem a contribuir.

Nesta pesquisa enfocamos a relação entre a arqueologia e as demais ciências, com destaque para a geografia, tendo em vista que nosso objetivo é o estudo da área de ocupação dos índios pré-coloniais, localizada na região do Paranapanema paulista.

## **2. Método de Análise da Cerâmica Guarani da área do ProjPar**

Procurando entender o desenvolvimento das técnicas de produção do material cerâmico de grupos Guarani, da forma de obtenção e preparo da matéria-prima, à fabricação dos artefatos e suas respectivas funcionalidades, optamos, na tentativa de elucidar evidências relacionadas a essas diferentes etapas, por usar a metodologia de análise cerâmica de Faccio (1998), adotada nos estudos realizados na área do ProjPar, e que prioriza o enfoque de cadeia operatória.

Trata-se de tomar o artefato enquanto objeto de análise, uma vez que, como todo comportamento cultural, a produção cerâmica é estruturada em padrões e sequências, que não podem ser obtidas por dados isolados (sejam os fragmentos cerâmicos, sejam os atributos classificatórios), mas sim pela maneira como as informações se estruturam entre si, ou se padronizam numa forma de vasilhame [...] (FACCIO, 1992. p. 81).

Como nos sítios arqueológicos brasileiros a maior parte do material cerâmico encontrado é constituída por fragmentos, sendo raras as incidências de artefatos inteiros,

[...] o encaminhamento proposto é agrupar os fragmentos provenientes de um mesmo vaso através de análises de sua distribuição na área do sítio, dos planos

de fratura e dos diferentes atributos tecnológicos e estilísticos (característica da pasta, decoração, forma e dimensão). Obtêm-se, com isto, diferentes conjuntos de fragmentos do mesmo vaso, que passam a constituir o objeto inicial de análise (FACCIO, 1992, p.85).

A primeira categoria de atributos analisada refere-se ao tipo de fragmento, que pode ser classificado como: fragmento de parede, fragmento de borda, fragmento de base, parede e borda, fragmento de parede angular, fragmento de parede e base, fragmento de borda com suporte para tampa, fragmento de borda e parede angular, fragmento de suporte para tampa, fragmento de parede com furo de suspensão, fragmento de borda com furo de suspensão, apêndice, fragmento de apêndice e borda, fragmento de asa, fragmento de asa e borda, fragmento de polidor de sulco, perfurador ou bolota de argila.

A segunda categoria de atributos considera o tipo de antiplástico utilizado para tornar a argila adequada ao fabrico da cerâmica.

A esse respeito Maranca (1985) explica que:

[...] a escolha de um ou outro tempero deve levar em conta vários fatores, entre eles: a resistência que se quer dar ao vaso após o cozimento, o acabamento da superfície etc. Isto é muito importante, pois um tempero de grãos arredondados, por exemplo, torna o vaso menos resistente do que o de grãos regulares. As rochas trituradas, bem como os cacos moídos e a cinza vulcânica, dão ao corpo do vaso maior resistência do que um tempero de areia. Deve-se levar em conta o efeito que o calor do fogo tem sobre os materiais, pois alguns deles são instáveis e sofrem alterações significativas quando submetidas a altas temperaturas (MARANCA, 1985, p. 239).

O tamanho do antiplástico compõe a terceira categoria de atributos a ser analisada:

“Quando a peça apresenta vários tamanhos de um mesmo tipo de antiplástico, mede-se sempre o maior. Nos casos, em que a peça apresenta mais de um tipo, mede-se o maior de cada tipo, em centímetro” (FACCIO, 1998, p.88).

A quarta categoria de atributos volta a atenção para a espessura da parede, considerando a maior espessura apresentada pelo fragmento.

A quinta categoria de atributos analisa o grau de queima apresentado pelas peças. Para tal, observa-se a queima dominante apresentada no fragmento cerâmico, a qual possui seis diferentes graus, podendo uma mesma peça conter mais de um dele:

- QUEIMA 1 – seção transversal sem presença de núcleo, com cor uniforme variando do laranja-tijolo ao amarelo;
- QUEIMA 2 - seção transversal sem presença de núcleo, com cor uniforme variando do cinza claro ao pardo;
- QUEIMA 3 - seção transversal com presença de núcleo central escuro, e uma camada interna e uma externa claras;
- QUEIMA 4 - seção transversal sem presença de núcleo, com cor uniforme variando do cinza escuro ao preto;
- QUEIMA 5 – seção transversal com uma camada escura na parte interna;
- QUEIMA 6 – seção transversal com uma camada escura na parte externa (**Figura 2**).

A possibilidade da ocorrência de diferentes tipos de queima em uma mesma peça está diretamente ligada ao fato de ela ter ocorrido a céu aberto.

Em relação à cor proveniente da queima, Faccio (1998) afirma:

As diferenças na cor indicam diferentes condições de duração da queima, ventilação e temperatura. A presença de núcleo com cor variando do laranja ao amarelo indica uma queima boa, com ventilação suficiente para ocasionar a oxidação da argila. A presença de tons que variam do cinza ao preto indica uma queima incompleta, em baixa temperatura e tempo insuficiente para expelir toda a matéria carbonária da argila (FACCIO, 1998, p.135).

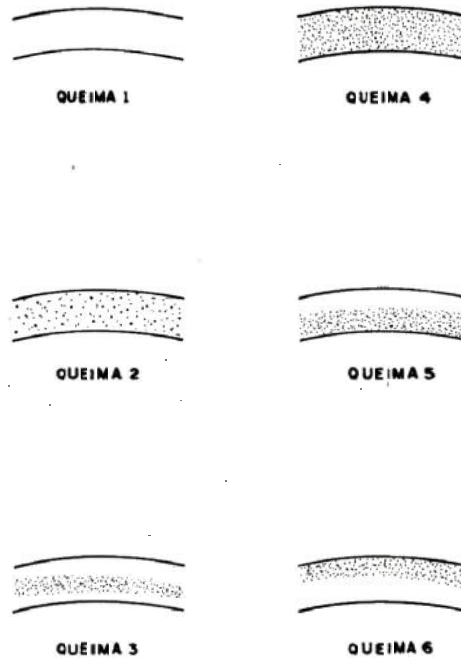


Figura 2: Tipos de Queima da Cerâmica. Fonte: Faccio (1992).

“A sexta categoria de atributos analisa o tratamento de superfície interna e externa. Nesta categoria detecta-se: ausência de tratamento, alisamento, brunidura (enegrecimento), lustro e polimento” (FACCIO, 1998, p. 135).

Na categoria decoração, analisa-se a face interna ou externa. Esse elemento apresenta dezesseis variações que podem ser encontradas de forma associada: liso, entalhado, ungulado, inciso, corrugado, escovado, ponteadado, pinçado, serrungulado, engobo preto, engobo vermelho, engobo branco, engobo laranja, engobo preto associado ao vermelho, engobo preto associado ao branco, engobo vermelho associado ao branco e pintado.

Os diferentes tratamentos de superfície, inclusive o decorativo, estão atrelados à funcionalidade do artefato e ao produto a ser

preparado/armazenado em seu interior. A análise integrada da forma e da decoração dos materiais cerâmicos é importante, pois ambas constituem atributos complementares e indivisíveis para entender a utilização dos vasos cerâmicos adequados à necessidade do grupo.

Na oitava categoria, observa-se a técnica de manufatura do vaso. Até o momento, na região em pauta, foram detectados apenas os tipos roletado (acordelado) e o modelado à mão.

A nona categoria de atributos refere-se à análise das diferentes angulações apresentadas pela inclinação, em graus, da parede do artefato.

O lábio presente na vasilha é o elemento que se leva em conta na décima categoria, o qual apresenta as seguintes classificações: apontado, arredondado, plano, biselado, apontado associado ao biselado, apontado associado ao arredondado e o biselado associado ao arredondado.

Na décima primeira categoria a parte da peça analisada é a borda, seus tipos e suas formas, podendo ser classificada, segundo Faccio (1998), em:

[...] direta inclinada externa, direta inclinada externa com reforço interno longo, direta inclinada externa reforçada externa, direta inclinada interna, direta inclinada interna com suporte para tampa, direta inclinada interna com ponto angular, direta inclinada interna com reforço externo longo, direta inclinada interna reforçada externa, direta vertical, direta inclinada interna com reforço interno longo, direta vertical reforçada externa, extrovertida inclinada interna, extrovertida inclinada externa, extrovertida inclinada interna reforçada externa, extrovertida inclinada externa reforçada externa, extrovertida inclinada externa com ponto angular, extrovertida vertical, extrovertida vertical com ponto angular, extrovertida vertical reforçada externa, contraída, cambada, infletida e carenada (FACCIO, 1998. p. 137).

A reconstituição gráfica do recipiente cerâmico, feita a partir da análise das bordas, é a décima segunda categoria de atributos que procura elucidar informações a respeito da forma do vaso. Por deficiências das técnicas de reconstituição, a partir de bordas, principalmente com peças



pequenas, tem-se buscado como alternativa a sistematização de vasos inteiros encontrados da área do ProjPar, para que sirvam de parâmetro na tentativa de alcançar maior fidelidade nas reproduções das peças.

Na sequência, é examinado o contorno da vasilha, podendo ser classificado como: simples, infletido e composto.

Nas décima quarta, décima quinta e décima sexta categorias, tenha o pote a forma inteira, ou seja resultado de reconstituição gráfica, tenta-se chegar às afirmações referentes à forma e a funcionalidade do pote por meio da análise do diâmetro da boca, da altura do vaso e da largura da garganta.

A décima sétima categoria de atributos indica o volume dos potes, que segundo Faccio (1998, p. 139), possuem as classificações: pote pequeno (até 1,0 litro); pote médio (de 1,1 a 4,0 litros); pote grande (de 4,1 a 20,0 litros) e pote extragrande (acima de 20,0 litros).

A décima oitava categoria averigua os tipos de base das vasilhas, que podem ser denominadas plana, e plana com pedestal ou convexa, segundo classificação estabelecida por Faccio (1998, p.140).

Na décima nona categoria, procura-se analisar o estado de conservação do artefato por meio da observação de sua superfície, considerando as marcas que evidenciam o desgaste, a decomposição, a ação da água e de queimadas recentes, entre outros agentes. Observa-se o tratamento da superfície ou da decoração, e avalia-se a possibilidade de reconstituir a forma do vaso ou se ocorreu peças inteiras.

O conceito de cadeia operatória se torna fundamental, aglutinando toda a sequência produtiva, considerando as matérias-primas e os instrumentos envolvidos nesse processo.

Todas essas categorias de atributos descritas compõem um método de estudo da cerâmica arqueológica cujo objeto é o homem e o seu modo de vida.

### **3. O Estudo do Sítio Arqueológico Com Enfoque Interdisciplinar**

A arqueologia costuma recorrer a diversas ciências em busca de ampliar a capacidade de elaborar interpretações e sínteses dos resultados obtidos.

Partindo do princípio que qualquer cultura humana encontra-se inserida num ambiente (fauna, flora, clima etc) que, por sua vez pertence a um ecossistema, podemos considerar que esses fatores são fundamentais e condicionam o desenvolvimento de um determinado sistema cultural. O resultado da adaptação do homem à natureza corresponde aos elementos de sua cultura, ou seja, a parte que ele modifica no ambiente.

O sistema de povoamento tem estado sempre estreitamente ligado às características da paisagem e seus componentes. Os grupos humanos do passado escolhiam as localidades para ocupar guiados por parâmetros como a acessibilidade aos recursos naturais, a presença de elementos paisagísticos notáveis e a visibilidade do sítio em relação ao seu entorno. As dinâmicas naturais e antrópicas, por seu lado, modificam a paisagem, o seu relevo e a sua configuração geográfica em relação a determinado sítio (ou sistema de sítios) e a seu contexto territorial.

Assim, torna-se importante analisar a organização da paisagem ao redor de um sítio arqueológico, com vistas a compreender as razões que levaram à escolha de determinado local para sua ocupação pretérita, avaliando os recursos naturais disponíveis e como se modificou o ambiente desde a ocupação do sítio até o presente.

Os grupos humanos deixaram vestígios que, devidamente interpretados, permitem realizar uma reconstituição comportamental e cultural das comunidades do passado.

Segundo Moraes (1986, p.72), “a Arqueologia Pré-Colonial necessita de respostas interdisciplinares em nível de trabalho de campo e de laboratório”, por isso o uso de métodos e conceitos da geomorfologia, da sedimentologia, da pedologia e da estratigrafia tem sido determinante para a análise das paisagens, dos sítios e de seus componentes.

A investigação arqueológica recolhe seus dados da superfície terrestre, dos sedimentos superficiais e do solo. Qualquer tipo de vestígio arqueológico encontra-se assim intimamente ligado aos componentes físicos da paisagem, como são, a título de exemplo, o relevo ou a organização estratigráfica dos depósitos.

Nas pesquisas realizadas na área do ProjPar, o elemento de análise espacial denominado fator “geo”<sup>1</sup> tem sido indispensável para interpretar

---

<sup>1</sup> MORAIS (1999) apresenta o fator “geo”, sendo definido pelas relações disciplinares entre a Arqueologia, a Geografia, a Geomorfologia e a Geologia.

como o homem pré-colonial escolhia de forma estratégica seus locais de ocupação. Ele também nos permite identificar diferenças nos padrões de assentamentos de grupos caçadores-coletores e de grupos agricultores. Os primeiros se estabeleceram em amplos terraços marginais quaternários, com depósitos de cascalheiras de litologia diversificada (MORAES, 1987), enquanto os outros:

[...] ocuparam vertentes suaves, na maior parte dos casos, áreas de terra fértil (terra rocha). Eventualmente instalaram suas ocupações em área de terraço. Estes assentamentos estão sempre próximos a um rio ou ribeirão, corredeiras, fontes de argila, nascentes de água, depósitos de cascalheiras ou afloramento de arenito silisificado intra-trapiano (FACCIO, 1998, p. 36).

Essa forma de estudar generalidades e particularidades do meio ambiente físico-biótico das comunidades pretéritas permitiu a construção de uma base de dados de geoindicadores, levando à consolidação de um modelo empírico, que derivou de estratégias de pressuposição nas investigações arqueológicas realizadas na bacia do Rio Paranapanema (MORAIS, 1999).

Essa Arqueologia Interdisciplinar ou “Nova Arqueologia” contribuiu grandemente para o avanço da interdisciplinaridade na área, influenciando o despertar de novos conhecimentos dentro da própria ciência, num sentido temático (arqueologia social, econômica, simbólica), das relações interdisciplinares (arqueozoologia, geoarqueologia, etnoarqueologia, arqueometria) ou do meio (arqueologia urbana).

#### **4. As Pesquisas na Área da Bacia do Paranapanema e as Evidências de Ocupações Guarani**

As pesquisas arqueológicas foram iniciadas na Bacia do Rio Paranapanema nos anos de 1960, quando estudos e observações *in-situ* realizados por Igor Chymz (lado paranaense) e Luciana Pallestrini (lado paulista) apontaram a região como detentora de grande potencial arqueológico.

A evolução dos trabalhos culminou na criação, no ano de 1968, de um amplo programa de pesquisas científicas na região, denominado Projeto Paranapanema (ProjPar), estabelecido pela USP - Universidade de São Paulo, sob a coordenação da Profa. Dra. Luciana Pallestrini.

As pesquisas vinculadas ao ProjPar tinham como objetivo estudar as ocupações pré-históricas ao longo da margem paulista do Rio Paranapanema e assim desenvolver metodologias e técnicas de campo adequadas ao estudo arqueológico na região. Os trabalhos adotavam perspectivas teórico-metodológicas da escola francesa que priorizavam uma arqueologia de sítio e possibilitavam a correlação entre a análise dos artefatos e os mapas de distribuição, tornando possível o reconhecimento das áreas de atividades intrassítio (MORAIS, 2007).

Em 1987, o Projpar passou a ser coordenado pelo Prof. Dr. José Luiz de Moraes, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), que expandiu a área de atuação do Projeto por toda a bacia do Rio Paranapanema, bem como ampliou seus objetivos, abrangendo questões ambientais e paisagísticas.

No ano de 1993, na tentativa de assumir definitivamente um caráter interdisciplinar e interinstitucional, o ProjPar foi dividido em sete subprogramas, enumerados a seguir: 1- Arqueologia Pré-Colonial e Histórica; 2- Ambiente, Paisagem e Território; 3- Patrimônio e Musealização; 4- Patrimônio e Legislação; 5- Processos Interdisciplinares; 6- Salvamento Arqueológico e 7- Sistema de Informação Georreferenciada.

Com essa divisão, o Projeto buscou criar condições favoráveis para a demarcação espacial e temporal dos cenários de ocupação humana, a valorização e instrumentalização das comunidades, bem como o desenvolvimento de métodos e técnicas de pesquisa (FACCIO, 1998).

Considerando os 47.300 km de área de abrangência do Projeto, foi necessário estabelecer uma melhor organização espacial que, inicialmente, originou cinco regiões, reagrupadas em três, após reformulação: 1- Bacia Inferior; 2- Bacia Média e 3- Bacia Superior.

As Bacias foram ainda divididas em meso e microrregiões, e a Bacia Inferior ficou estabelecida pelas mesorregiões de Rosana, Taquaruçu e Capivara.

A Mesorregião da Capivara (**Figura 3**) compreende 6.373 km de área, abrangendo 18 municípios, dentre os quais está Iepê, onde se localiza o Sítio Arqueológico Ragil II, objeto de análise deste artigo.

Comparando as pesquisas realizadas nas Bacias Superior e Média com as desenvolvidas no Baixo Paranapanema, verificamos que estas são mais recentes, tendo sido iniciadas com a constatação da presença de vestígios arqueológicos após volumosas cheias do Rio Paranapanema, no ano de 1983, que acarretaram a erosão de terraços marginais ao leito, deixando expostos materiais arqueológicos que integravam seu corpo estratigráfico (KASHIMOTO, 1992).

Para obterem regularização ambiental prevista na legislação, grandes empreendimentos potencialmente lesivos ao meio ambiente, como a construção de usinas hidrelétricas, precisavam realizar trabalhos de salvamento arqueológico. Isso foi determinante para que acontecesse um acordo entre a USP e a Companhia Energética de São Paulo - CESP, o que viabilizou as pesquisas na área.

Nesse período, a UNESP – Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente passou a contar com uma equipe de professores e estagiários que, em parceria com o MAE/USP, realizou pesquisas abordando a região do Baixo Paranapanema.

O ProjPar trabalhou até a década de 1980 com sítios Guarani vinculados à Tradição Tupiguarani e com sítios de grupos caçadores-coletores vinculados à Tradição Umbu. Esse trabalho diagnosticou as peculiaridades dos diferentes locais escolhidos para os assentamentos de agricultores e caçadores-coletores indígenas pré-coloniais. Os Guarani em geral se estabeleceram em vertente de média colina ou em áreas de terraços, apresentando um rio, ribeirão ou córrego na base. Já os caçadores-coletores se estabeleceram em terraços próximos a corredeiras dos rios ou ribeirões. A partir da década de 1980, sítios ligados aos grupos kaingang (Tradição Itararé) são evidenciados de forma esparsa e rara na área desse vale.

Na Mesorregião da Capivara foram trabalhados sítios identificados como antigas ocupações de grupos ceramistas Guarani. Dos 29 sítios conhecidos na área do ProjPar, relacionados a esse grupo, 11 estão localizados nessa área, demonstrando sua grande importância no estudo dos grupos ceramistas (FACCIO, 1992).

## **5. Os Guarani**

A partir da análise de seus elementos linguísticos e tecnológicos, depreende-se que os Guarani têm sua origem cultural diretamente ligada à matriz Tupi, do tronco linguístico tupi-guarani, originado há 5.000 anos na Amazônia, onde está localizada “a maior concentração de populações da

família linguística tupi-guarani. A cerâmica, que é o refugio mais encontrado nas velhas taperas, tem elementos semelhantes aos de uma tradição cerâmica da Amazônia, chamada Tradição Policroma<sup>2</sup> (SCHMITZ, 2000).



Figura 3: Divisão da Bacia do Rio Paranapanema em Mesorregiões. Fonte: FACCIO, 1998.

A expansão territorial tupi-guarani propiciou o desmembramento dos Tupi e dos Guarani. Os primeiros migraram em direção ao nordeste,

<sup>2</sup> A pintura policroma, com linhas vermelhas e/ou negras sobre branco, mais raramente linhas negras ou brancas sobre vermelho, ou ainda com faixas vermelhas (SCATAMACCHIA, 1981 p. 39).

ocupando toda a faixa litorânea até a região sudeste, enquanto os Guarani seguiram “no sentido norte-sul por volta do ano 100 d.C. A rota seguiria rio acima pelo Madeira e Guaporé, passando para o Paraguai, descendo por este e pelo Paraná e finalmente subindo ao longo da costa” (ROBRAHN GONZÁLEZ, 1996), convergindo futuramente com os Tupi na região sul de São Paulo. De acordo com Schmitz (1977):

O ramo Guarani ocupa na distribuição geral uma posição meridional em oposição ao Tupi, localizado de São Paulo para o norte. As diferenças entre os dois grupos não são apenas diferenças lingüísticas, mas também diferenças tecnológicas (SCHMITZ, 1977 apud SOARES, 1997 p. 50).

No início do período colonial, os Guarani já dominavam grandes extensões das florestas tropicais e subtropicais da América do Sul. Esses grupos ocupavam áreas que hoje compreendem os territórios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraguai, Argentina e Bolívia.

Eles tinham como característica a facilidade de movimentação que, aliada às expansões populacionais dentro do seu próprio território e a pressão demográfica, criou a “oportunidade de entrar em contacto com portadores de outras tradições regionais, assim como tiveram que se adaptar a diferentes ambientes” (SCATAMACCHIA, 1990).

Conhecedores de excelente técnica de navegação, os índios Guarani faziam das bacias hidrográficas ótimas vias fluviais que facilitavam as expansões, levando-os até a foz do Rio da Prata, e a ocupar as bacias do Paraná, Paraguai, Uruguai e Jacuí, buscando ambientes florestais compatíveis com o sistema de assentamento amazônico original.

Segundo Schmitz, isso possibilitou a configuração de “um território homogêneo que se estendia do Atlântico até a borda inferior dos Andes e do Matogrosso do Sul até o Rio da Prata” (SCHMITZ, 2000).

O índio Guarani atravessou mais de três mil anos, até os primeiros contatos com os invasores vindos da Europa, reproduzindo fielmente sua cultura material e as técnicas de sua confecção e uso, além de sua subsistência (NOELLI, 1993). Essa manutenção cultural se manteve pela

reafirmação do meio social e pela sua percepção, interpretadas pelo conceito de *habitus*, que traduz um:

[...] sistema de disposições duráveis, estrutura estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente regulamentadas e reguladas sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestrada sem serem o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, 1972 apud NOELLI, 1993 p. 14).

Dessa forma, o *ñande reko*, modo de ser Guarani é o responsável por reproduzir a cultural material e imaterial e a língua Guarani por mais de dois mil anos.

As semelhanças nas características físicas espaciais presentes nas áreas dos antigos assentamentos estão associadas à noção de *habitus* desse grupo. O grupo Guarani possui uma forte relação com o espaço e seu meio ecológico, haja vista que notoriamente “buscaram uma adaptação ecológica compatível com seu modo de vida, já formado e desenvolvido na região amazônica, buscando os lugares de vegetação de bosque subtropical chuvoso” (SCATAMACCHIA, 1990).

“No caso da tradição Tupiguarani, que ocupou áreas florestais úmidas, a análise fica quase sempre restrita às evidências de ocupação (tipos de estabelecimento) e aos artefatos de cerâmica e pedra” (SCATAMACCHIA, 1981 p. 2).

Essa relação com o espaço e o meio ecológico constitui um elemento de grande influência em sua cultura material e em sua organização social, tendo em vista que toda formação em sociedade “possui mecanismos especiais, por meio dos quais promove a adaptação dos indivíduos ao meio natural circundante e desenvolve o ajustamento recíproco de suas atividades e pessoais” (FERNANDES, 1989).

Assim, os Guarani procuravam ocupar áreas detentoras de aspectos físicos específicos que possibilitavam a captação de recursos para a



subsistência do grupo e para a obtenção de matéria-prima utilizada no fabrico dos objetos de sua cultura material: áreas próximas a rios, que supriam a necessidade de água e incitavam a atividade pesqueira e a navegação, e a fontes de argila, utilizada na confecção de material cerâmico, bem como a cascalheiras, que serviam como matéria-prima para a produção do material lítico. Outros elementos ainda influenciavam na escolha do local de assentamento, como a terra fértil e uma localização que propiciasse uma fácil defesa do grupo (SCATAMACCHIA, 1990).

De acordo com Schaden (1974), sendo povos:

[...] portadores de cultura característica de região florestal, em que as atividades de subsistência incluem as lides da caça em combinação com o tamanho da terra, os Guaraní se estabelecem, sempre que possível, no seio da mata evitando a paisagem aberta dos campo (SCHADEN, 1974, p. 33).

Os Guarani, na condição de “pequenos agricultores, levantavam suas aldeias nas várzeas e encostas inferiores do planalto. Seus cultivos abrangiam feijão, milho, mandioca, batata-doce, cará, amendoim, abóbora, fumo, algodão e urucum, todas plantas americanas” (SCHMITZ, 2000). Portadores de uma cultura de floresta tropical, realizavam o cultivo agrícola de raízes, conjuntamente ao aproveitamento máximo dos recursos fornecidos por rios e lagos, combinados à coleta de vegetais alimentícios e medicinais.

Os objetos da cultura material Guarani, feitos em cerâmica, mostram que “as principais plantas cultivadas, sua importância relativa na alimentação e as formas sob as quais são consumidas, correlacionam-se com a morfologia do vasilhame de cerâmica usado para a sua preparação” (SCATAMACCHIA, 1981). Essa relação permite ainda interligar a variação das dimensões dos recipientes cerâmicos, entre diferentes sítios, com pequenas mudanças na cultura alimentar indígena, com a diminuição no número de indivíduos no grupo e até o distanciamento de relações entre diferentes unidades espaciais.

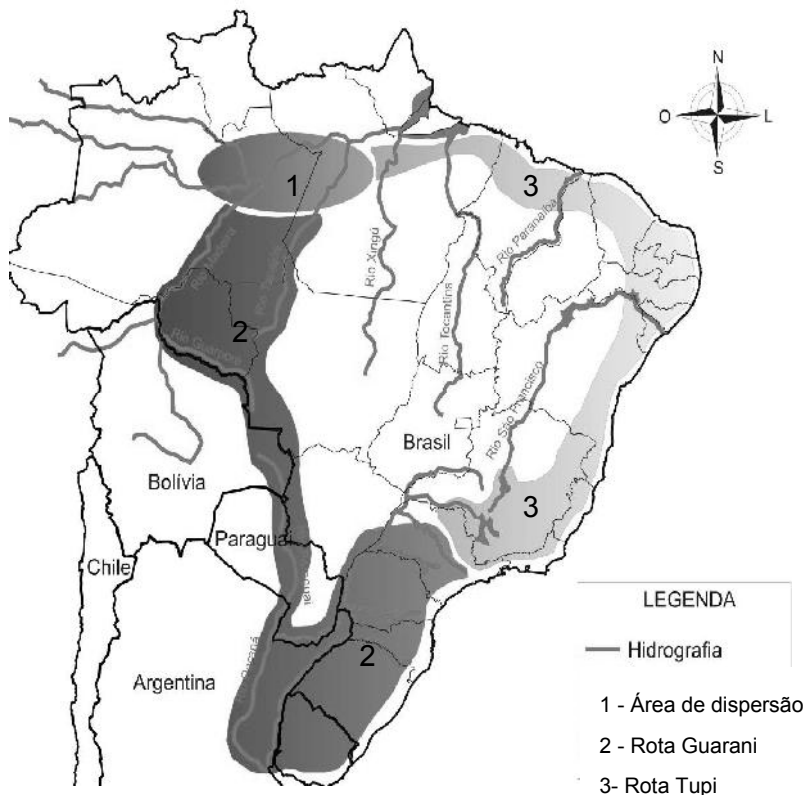


Figura 4: Zona de dispersão e rotas dos guarani e dos tupi segundo BROCHADO (1980, 1984 e 1989). Fonte: LOPES, 2006.

Faccio (1998) defende que “o espaço geográfico funciona como fonte de recursos que garantiram aos grupos pré-coloniais o desenvolvimento e a elaboração dos mais variados objetos.” Por sua vez, enquanto material arqueológico, esses objetos detêm grande importância na tentativa de elucidar aspectos da cultura imaterial do grupo, como as estratégias de subsistência, o estilo de vida Guarani e o conhecimento sobre o meio ecológico. Além dos objetos, podemos considerar também as evidências de ocupação resultantes de alguma atividade cultural passada, como as marcas deixadas no solo pelas roças de cultivo, sepultamentos, fogueiras, habitações etc.

A organização social manifesta-se em diferentes níveis de abrangência entre os Guarani, englobando o *teýy*, a *amundá*, a *teko'á* e no último nível e de maior abrangência, o *guará*.

Enquanto as *ogpe guará* eram formadas por no máximo cinco pessoas, as *teýy* eram as famílias extensas, compostas por até sessenta famílias nucleares, com cerca de 300 pessoas, lideradas pelo *teýy-ru*, um homem que reunia respeito e prestígio entre os outros indivíduos. As *teýy*

[...] habitam casas bem feitas, armadas em cima de bons esteios, cobertas de palhas. Algumas tem oito ou dez esteios e outras mais ou menos, conforme os vasalos que o cacique tem, pois vivem todos numa casa. Não tem divisão alguma a casa, feita de um modo que do princípio se vê o fim: de esteio a esteio é um rancho e em cada um habitam duas famílias, uma a uma banda e outra a outra, [...] o fogo de ambas está no meio. Dormem numas redes [...] as quais atam em uns paus, que quando fazem a casa deixam de propósito e estão tão juntas e entreticidas as redes à noite que nenhuma maneira se pode andar pela casa. Têm nos lados taipa francesa e cada aposento tem duas portas, uma de cada lado [...] (LORENZANA, 1620 apud NOELLI, 1993 p. 81).

Soares (1997) afirma que essas famílias eram mantidas pelo *kindred*, ou seja: “um grupo de parentes ligados por laços sanguíneos ou de afinidade em torno de uma pessoa de prestígio” (SOARES, 1997).

A população vivia concentrada em aldeias compostas de um reduzido número de casas, feitas com arcabouço de troncos e cobertas de palha, sem repartições internas. Em cada uma delas viviam uma ou mais famílias extensas ou várias famílias nucleares, sob a coordenação de um homem mais velho, mais experiente ou mais aparentado, que cuidava das necessidades comuns (SCHMITZ, 2000).

Segundo Soares (1997), a constituição do espaço físico social das famílias extensas resultava no estabelecimento da *amundá*, ou aldeia, onde as *teýy oga* (casa da família extensa) passavam a se localizar próximas umas das outras sob a liderança do *tuvichá*, visando à proteção do grupo contra as investidas de inimigos e ao estreitamento de vínculos sociais de reciprocidade. As *amundá* costumavam ter uma curta vida útil, tendo em

vista que com o passar de alguns anos era inevitável o surgimento de elementos que desqualificassem a ocupação do local, como o esgotamento dos solos agricultados, o apodrecimento da palha que compunha a cobertura das casas e o acúmulo de lixo nas áreas de assentamento. Assim, tornava-se mais viável a transferência do grupo e a constituição de uma nova estrutura espacial.

O conjunto de relações sociopolíticas estabelecidas entre as aldeias inseridas num mesmo território constituía o *teko'á*, reunindo, nesse nível organizacional, de oito a 120 famílias extensas (SUSNIK, 1983). Os *teko'á* eram mantidos por uma rede de parentesco e afinidades que permitiam o intercâmbio social e econômico de diferentes famílias extensas. Essa unidade socio-espacial era subdividida em três espaços distintos: a vegetação circundante, as roças e a aldeia (NOELLI, 1993).

A constituição do *teko'á* evidencia que a produção Guarani podia estar organizada em formas sociais distintas e, às vezes, em níveis mais abrangentes do que a unidade doméstica nuclear.

Analisando a transformação aculturativa sofrida pela família-grande em grupos Guarani atuais, Egon Schaden (1969) afirma que, ao que tudo indica, a família extensa compunha as unidades de produção e de consumo.

Territorialmente, a maior unidade de domínio Guarani era conhecida por *guará*, que justapunha diversos *teko'ás* em aliança, exercendo soberania de exploração de recursos em vasta extensão de terras, entendida espacialmente como formadora de uma região ou província.

De acordo com Soares (1997):

O *guará* representa mais que os limites físicos de uma região ou a união de vários *teko'ás*. Para os antigos Guarani, era a consciência da unidade e identidade sócio-cultural-regional, reforçada e estabelecida pela união de ações e a solidariedade de condutas (SOARES, 1997 p. 129).

No trabalho de Noelli (1993), podemos constatar a presença de uma hierarquia, quanto à localidade de estabelecimento dos assentamentos dentro do *guará*, quando o autor afirma que:

[...] os assentamentos mais poderosos ocupavam as várzeas e outros ambientes favoráveis a subsistência, principalmente em ecótonos, enquanto que as aldeias mais fracas instalavam-se nos vales mais encaixados, em zonas com baixa densidade de vegetação arbórea, com pouca caça, etc (NOELLI, 1993 p. 81).

Soares (1997), Meliá (1987) e Chase-Sardi (1989) apontam como limites físicos dos *teko'ás* e *guarás* os limites geográficos naturais, como serras, rios e campos (SOARES, 1997 p. 131).

Os Guarani pré-coloniais possuíam um tipo de organização econômica marcada pela modalidade de existência adaptada à floresta tropical – sua ancestralidade cultural esteve ligada à ecologia amazônica e sua economia era, antes de tudo, parental. A família extensa era ao mesmo tempo a estrutura social e econômica de produção e consumo.

As evidências dessa continuidade na cultura Guarani não se restringem apenas a essas informações etnológicas, mas se reafirmam por meio do material arqueológico e das marcas deixadas no ambiente de ocupação pretérita.

## 6. A Cerâmica Guarani do Sítio Arqueológico Ragil II

Para análise do material dos sítios arqueológicos situados na área do ProjPar tem-se usado a metodologia de FACCIO (1992), que prioriza o enfoque na sequência de ações da cadeia operatória, para que, da comparação dos diferentes materiais, seja possível contribuir para a caracterização do Sistema Regional de Ocupação Guarani na área paulista do Vale do Rio Paranapanema.

A autora propõe que:

[...] o pressuposto básico é tomar a vasilha cerâmica enquanto unidade de estudo. Considerando o objetivo maior da própria Arqueologia, qual seja o estudo de sociedades humanas, torna-se necessário, na análise de coleções de material, lidar com unidades culturais de comportamento, de forma a poder relacioná-las com

outros aspectos da cultura, dentro de uma perspectiva sistêmica de estudo (FACCIO, 1992, p.81-82).

Na abordagem analítica escolhida, procuramos considerar todos os componentes do processo produtivo, do início da produção até o seu acabamento, ampliando assim as variáveis que irão auxiliar na elucidação das escolhas e intenções do artesão.

Apesar de o método ter início com o agrupamento de fragmentos do mesmo pote, formando-se assim conjuntos de fragmentos, não foi possível iniciar a análise por esse procedimento, pois o material encontra-se em estado de conservação ruim. Dessa forma, o viável foi trabalhar apenas com os fragmentos de forma isolada.

Foram analisados 653 fragmentos cerâmicos, e o primeiro elemento a ser estudado foi a classe da peça, com os resultados apresentados na **Tabela 1**.

Essa classificação, em alguns casos, ficou prejudicada pela presença de um número razoável de pequenos fragmentos cuja localização na composição da vasilha foi impossível identificar.

Na **Foto 1**, são apresentadas peças classificadas como paredes angulares, que são comuns nos sítios cerâmicos relacionados aos grupos Guarani.

<b>Classes</b>	<b>Número de peças</b>
Parede	523
Borda	76
Base	11
Parede Angular	32
Borda com suporte para tampa	4
Não Identificado	0
<b>TOTAL</b>	<b>653</b>

Tabela 1: Divisão dos fragmentos em classes.

Ao analisar os tipos de antiplástico empregados na confecção da cerâmica, constatamos uma predominância do tipo mineral associado ao caco moído. Além deste, uma pequena parcela apresentava o antiplástico mineral, como podemos ver na **Tabela 2**.

Tipo de antiplástico	Ocorrência do tipo de antiplástico
Mineral associado ao caco moído	596
Mineral	57
<b>Total</b>	<b>653</b>

Tabela 2: Tipos de antiplástico presentes na cerâmica do sítio Arqueológico Rágil II



Foto 1: Paredes angulares. Sítio Arqueológico Rágil II

Segundo MORAIS (2007, p.134), esse fato pode estar associado à “diminuição do stress térmico acarretado pelo quartzo”, sendo mais eficiente o uso do material cerâmico inutilizado, triturado e adicionado à mistura argilosa.

Os dados referentes ao tamanho, mostraram a presença de antiplásticos com diâmetro de 0,1 a 0,6 cm, sendo a maior ocorrência a de temperos que apresentam o diâmetro de 0,2 cm.

Durante a análise do elemento queima, foi constatada a presença de todos os tipos de queima apresentados na metodologia desenvolvida por FACCIO (1992). No entanto, apenas as queimas dois, três e cinco apresentaram números significativos (**Gráfico 1**).

Todos os fragmentos arqueológicos analisados apresentaram tratamento de superfície com alisamento interno e externo.

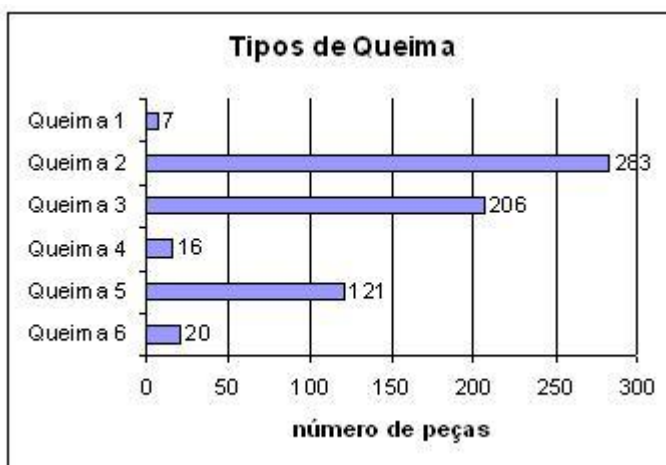


Gráfico 2: Tipo de Queima apresentada pelo material cerâmico do Sítio Arqueológico Rágil II.



A **Tabela 3** apresenta as decorações encontradas no material arqueológico analisado.

<b>Decoração interna/ externa</b>	<b>Número de peças</b>
Liso/Liso	519
Liso/Entalhado	4
Liso/Ungulado	46
Liso/Corrugado	40
Liso/Ponteados	2
Liso/Engobo Preto	1
Liso/Engobo Vermelho	1
Liso/Engobo Branco	2
Liso/Pintado	5
Liso/Serrungulado	8
Liso/Engobo branco associado ao pintado	1
Liso/Incisão na borda	1
Inciso/Liso	2
Ungulado/Liso	4
Corrugado/Liso	1
Engobo Vermelho/Liso	8
Engobo Vermelho/Entalhado	1
Engobo Vermelho/Ungulado	2
Engobo Vermelho/Corrugado	1
Engobo Vermelho/Pintado	2

Engobo Vermelho/Engobo branco associado ao pintado	1
Engobo branco/Liso	1
<b>TOTAL</b>	<b>653</b>

Tabela 3: Decorações presentes na cerâmica do Sítio Arqueológico Ragil II

As decorações, quando evidenciadas, formam, em sua maioria, decorações unguladas (**Foto 2**) ou corrugadas (**Foto 3**), traço marcante da cultura Guarani em sítios pesquisados no Vale do Rio Paranapanema.



Foto 2: Cerâmica com decoração ungulada, Sítio Arqueológico Ragil II.



Foto 3: Cerâmica com decoração corrugada, Sítio Arqueológico Rágil II.

Na **Foto 4** observam-se bordas com a presença de decorações incisadas, que contornam e acompanham perpendicularmente os lábios das vasilhas.



Foto 4: Bordas com decoração entalhada. Sítio Arqueológico Rágil II.

Das peças que apresentaram decoração pintada, somente em três casos foi possível verificar a presença de algum motivo, sem possibilidade, porém, de serem identificados na sua totalidade, devido ao mal estado de conservação da pintura (**Figuras 5, 6 e 7**).

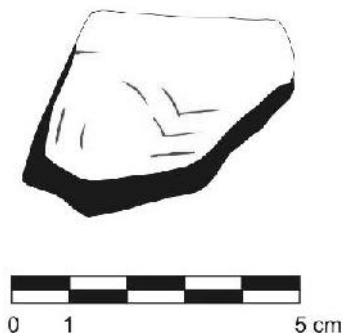


Figura 5: Forma da cerâmica arqueológica com decoração pintada.

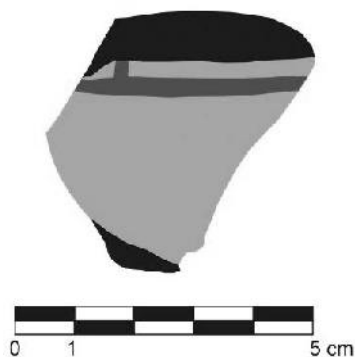


Figura 6: Forma da cerâmica arqueológica com decoração pintada.

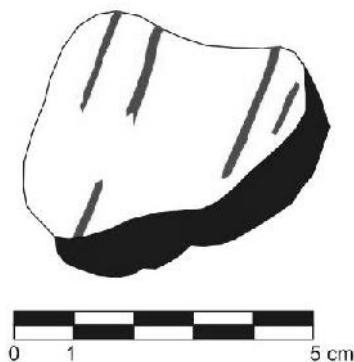


Figura 7: Forma da cerâmica arqueológica com decoração pintada.

A técnica de manufatura empregada no fabrico dos objetos cerâmicos é o acordelado, que consiste no “uso de anéis de argila que, sobrepostos, dão a forma pretendida. A maioria da cerâmica Guarani utiliza este modo” (LA SALVIA; BROCHADO, 1989. p. 11).

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa foram realizadas ainda outras fases de trabalho, como as reconstituições das vasilhas a partir de

fragmentos de borda (**Figura 8**), buscando dessa maneira formular hipóteses sobre a utilização e a funcionalidade da cerâmica encontrada na área do Sítio Arqueológico Ragil II, bem como, entender sua variabilidade, para futuras comparações com sítios Guarani situados na Bacia do Rio Paranapanema.

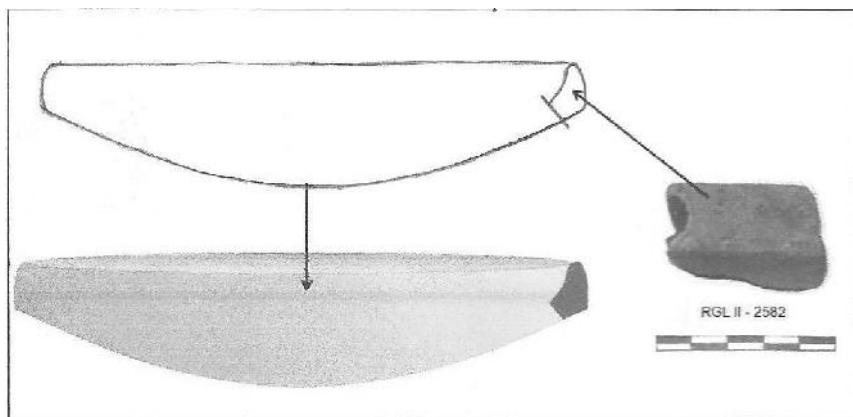


Figura 8: Reconstituição gráfica de recipiente cerâmico do Sítio Arqueológico Ragil II

Das 76 peças classificadas como fragmentos de borda, apenas 24 possibilitaram a reconstituição gráfica das vasilhas, tendo em vista que as demais, pelo tamanho reduzido, não permitiram o procedimento.

A presença dos lábios, nas referidas peças, possibilitaram sua classificação em três tipos. O arredondado foi o de maior ocorrência, presente em 17 delas. O tipo biselado esteve em seis peças e o apontado foi presenciado apenas uma vez.

Em relação à classificação das bordas, agrupadas em tipos de acordo com sua forma e espessura em relação ao corpo do vasilhame, o resultado está na **Tabela 4**.

Tipos de Borda	Ocorrência dos tipos de borda
Direta	2
Direta inclinada interna	6
Direta inclinada externa	1
Direta com reforço externo	3
Carenada	3
Contraída	6
Introvertida	3
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>

Tabela 4: Tipos de bordas analisadas no Sítio Arqueológico Ragil II.

Analisando a **Tabela 4**, verificamos a presença de três bordas carenadas, forma que caracteriza as tradições Guarani e Tupi.

Quanto às classes de vasilhas, podemos destacar as panelas para cozinhar (*yapepo*), as caçarolas para cozinhar (*ñætã*), as jarras para bebidas em geral, especialmente bebidas alcoólicas fermentadas (*cambuchi*), os pratos para comer (*ñaembé* ou *teembiru*) e as tigelas para beber (*cambuchi caguaba*). Cada uma dessas formas possui uma função distinta e por isso fornecem informações sobre o preparo dos alimentos em cada sítio. A seguir, apresentamos as classes de vasilhas presentes na área do Sítio Arqueológico Ragil II (**Figuras de 9 a 22**).

#### FORMA 1

Número de reconstituições: 1.

Descrição: caçarola ou *ñætã* (miniatura) de boca constrita e contorno direto.

Borda: direta.

Lábio: arredondado.

Diâmetro da boca: 8 centímetros.

Volume: 0,3 litros (**Figura 9**).



forma 1

Figura 9: Forma da cerâmica arqueológica. Caçarola ou *ñæetã*.

## FORMA 2

Número de reconstituições: 2.

Descrição: caçarola ou *ñæetã* de boca constricta e contorno complexo com forma carenada.

Borda: carenada.

Lábio: arredondado.

Diâmetro da boca: 28 centímetros.

Volume: 3,7 litros (**Figura 10**).



forma 2

Figura 10: Forma da cerâmica arqueológica. Caçarola ou *ñaetã*.

### FORMA 3

Número de reconstituições: 2.

Descrição: panela ou *yapepó* de boca constricta e de contorno direto.

Borda: direta com reforço externo.

Lábio: arredondado.

Diâmetro da boca: 28 centímetros.

Volume: 6,7 litros (**Figura 11**).



forma 3

Figura 11: Forma da cerâmica arqueológica. Panela ou *yapepó*.

### FORMA 4



Número de reconstituições: 2.

Descrição: tigela para beber ou *cambuchi caguaba* de boca ampliada com contorno complexo e base convexa.

Borda: carenada.

Lábio: biselado.

Diâmetro da boca: 16 e 26 centímetros.

Volume: 0,5 e 1,6 litros (**Figura 12**).



forma 4

Figura 12: Forma da cerâmica arqueológica. Tigela para beber ou *cambuchi caguaba*.

#### FORMA 5

Número de reconstituições: 1.

Descrição: tigela para beber ou *cambuchi caguaba* de boca ampliada e contorno complexo.

Borda: direta com reforço externo.

Lábio: arredondado.

Diâmetro da boca: 28 centímetros.

Volume: 3,1 litros (**Figura 13**).



forma 5

Figura 13: Forma da cerâmica arqueológica. Tigela para beber ou *cambuchi*.

### FORMA 6

Número de reconstituições: 6.

Descrição:caçarola ou *ñæetã* de boca ampliada e contorno direto (5) ou complexo (1).

Borda: direta inclinada interna.

Lábio: arredondado (3), biselado (2) e apontado.

Diâmetro da boca: 14 , 28, 30, 32, 40 e 44 centímetros.

Volume: 0,5, 2,9, 5,1, 5,25, 11,7 e 15,0 litros (**Figuras 14 e 15**).



forma 6

Figura 14: Forma da cerâmica arqueológica. Caçarola ou *ñæetã*.



forma 6

Figura 15: Forma da cerâmica arqueológica. Caçarola ou *ñæetã*.

### FORMA 7

Número de reconstituições: 2.

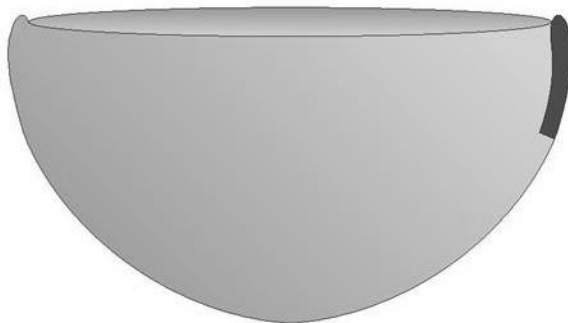
Descrição: caçarola ou *ñæetã* de boca constricta e contorno direto.

Borda: direta.

Lábio: arredondado.

Diâmetro da boca: 26 e 38 centímetros.

Volume: 4,7 e 14,6 litros (**Figuras 16 e 17**).



forma 7

Figura 16: Forma da cerâmica arqueológica. Caçarola ou *ñæetã*.



forma 7

Figura 17: Forma da cerâmica arqueológica. Caçarola ou *ñætã*.

#### FORMA 8

Número de reconstituições: 1.

Descrição: caçarola ou *ñætã* de boca ampliada e contorno complexo.

Borda: direta com reforço externo.

Lábio: arredondado.

Diâmetro da boca: 22 centímetros.

Volume: 3,45 litros (**Figura 18**).



forma 3

Figura 18: Forma da cerâmica arqueológica. Caçarola ou *ñæetã*.

#### FORMA 9

Número de reconstituições: 1.

Descrição: caçarola ou *ñæetã* de boca constricta e contorno complexo.

Borda: infletida.

Lábio: biselado.

Diâmetro da boca: 26 centímetros.

Volume: 4,0 litros (**Figura 19**).



forma 9

Figura 19: Forma da cerâmica arqueológica. Caçarola ou *ñæetã*.

## FORMA 10

Número de reconstituições: 3.

Descrição: *yapepó* de boca constrita e contorno infletido.

Borda: contraída.

Lábio: arredondado.

Diâmetro da boca: 16, 18 e 48 centímetros.

Volume: 1,75, 1,9 e 27,0 litros (**Figura 20**).



forma 10

Figura 20: Forma da cerâmica arqueológica. Panela ou *yapepó*.

## FORMA 11

Número de reconstituições: 3.

Descrição: caçarola ou *ñætã* de boca constrita e contorno complexo.

Borda: contraída.

Lábio: arredondado (2) e biselado.

Diâmetro da boca: 20, 22 e 24 centímetros.

Volume: 2,1, 2,5 e 2,7 litros (**Figura 21**).



forma 11

Figura 21: Forma da cerâmica arqueológica. Caçarola ou *ñaetã*.

## FORMA 12

Número de reconstituições: 2.

Descrição: panela ou *yapepó* de boca constricta e contorno complexo.

Borda: introvertida.

Lábio: arredondado.

Diâmetro da boca: 30 e 36 centímetros.

Volume: 9,9 e 17,5 litros (**Figura 22**).



forma 12

Figura 22: Forma da cerâmica arqueológica. Panela ou *yapepó*.

## 7. Algumas Inferências Sobre o Sítio Arqueológico Ragil II

No presente trabalho, consideramos os resultados referentes ao estudo que enfoca a variabilidade cerâmica do Sítio Arqueológico Ragil II.

Através de levantamentos bibliográficos a respeito da tradição Guarani, pudemos compreender melhor os elementos do espaço que favoreceram a ocupação e a conseqüente adequação do modo de vida Guarani à região do Vale do Paranapanema. Na Mesorregião da Capivara, os Guarani implantaram seus assentamentos em terraços ou meias encostas contíguas a cascalheiras e/ou nascentes d'água.

O Sítio Ragil II localiza-se próximo da nascente do Córrego do Caracol, em área de meia encosta ou de terraço, nas proximidades do Rio Paranapanema. A análise da área do sítio e do entorno demonstra que os artesãos Guarani encontraram a matéria-prima necessária para a confecção de seus artefatos cerâmicos e líticos. Não foram encontrados, porém, conjuntos cerâmicos, mostrando que os materiais que estavam enterrados já foram remexidos pela ação do arado e de processos erosivos.

Uma das primeiras afirmações que o trabalho nos permite fazer é que os antiplásticos encontrados nas 653 peças analisadas são iguais aos



da cerâmica dos sítios de grupos agricultores-ceramistas encontrados em outros sítios da área do Vale do Rio Paranapanema.

O desenvolvimento da pesquisa mostrou ser indispensável a utilização de conhecimentos interdisciplinares num estudo de arqueologia, pois o aumento das variáveis de análise colaboram para uma melhor compreensão/reconstituição do comportamento do grupo pretérito.

Acreditamos que os trabalhos na área devem ter continuidade, pois ela apresenta grande relevância para os estudos arqueológicos, tendo em vista a quantidade de vestígios pertencentes à cultura material Guarani nela encontrados.

Após a análise dos atributos de seus fragmentos cerâmicos e a reconstituição gráfica das bordas das peças, a cerâmica Guarani proveniente do Sítio Ragil II mostrou atender as funções de usos domésticos, apresentando vasos destinados às tarefas de preparar e servir alimentos e bebidas. Dessa forma, a partir desse trabalho, podemos inferir que o Sítio Ragil II possui a função de habitação. As peças com decoração pintada poderiam ser consideradas fragmentos de recipientes eventualmente utilizados em rituais ou cerimônias. Contudo, devido à pequena quantidade encontrada ou à identificação no atual estágio da pesquisa, não seria prudente tecer hipóteses.

Em geral, as bordas utilizadas na reconstituição gráfica possibilitaram a visualização de parte dos artefatos cerâmicos utilizados pelo grupo. Essa técnica permitiu levantar um acervo formado por modelos de *yapepó* (panelas), *cambuchi* (jarras para bebidas), *cambuchi caguaba* (tigelas para beber) e *ñaetã* (caçarolas).

A maior parte dos recipientes do Sítio Arqueológico Ragil II tem a forma de caçarola ou *ñaetã*. Em menor quantidade aparecem os vasos nas formas *yapepó* e tigela para beber, ou *cambuchi*. Predominam os de tamanho pequeno e médio, sendo que volume e forma variam de acordo com a função a que se destinavam.

A análise da cadeia operatória e dos atributos tecno-morfológicos dos 653 fragmentos do Sítio Arqueológico Ragil II mostra ter sido esse um espaço onde os Guarani viveram e desenvolveram suas atividades cotidianas, como a coleta e a agricultura de gêneros básicos. Evidencia também que esse sítio está incluído em um Sistema de Ocupação Regional Guarani, que vem se estabelecendo com o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no Vale do Rio Paranapanema, Estado de São Paulo.

## 8. Referências bibliográficas

BROCHADO, J. P. LA SALVIA, F. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

DI BACO, Hiuri M. **Estudo da variabilidade cerâmica Guarani do Sítio Arqueológico Pernilongo. Monografia de Bacharelado em Geografia**. FCT - UNESP, Presidente Prudente, 2007.

FACCIO, Neide B. **Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no contexto do Projeto Paranapanema**. Dissertação de mestrado. São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia dos cenários das ocupações horticultoras da Capivara**, Baixo Paranapanema-SP. Tese de Doutorado. São Paulo, 1998.

FERNANDES, F. **A Organização Social dos Tupinambá**. São Paulo: Hucitec, 1989.

KASHIMOTO, E. M. **Geoarqueologia no Baixo Paranapanema: uma perspectiva geográfica de estabelecimentos humanos pré-históricos**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1992.

LOPES, P. R. **Variabilidade da cerâmica guarani dos Sítios Arqueológicos Araruva e Caraguatá.** Presidente Prudente: [s.n.], 2006.

LUGON, C. **A república “comunista” cristã dos guaranis.** Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1977.

MARANCA, S. **Dados Preliminares para Uma Classificação do Material Cerâmico Pré-histórico.** Revista do Museu Paulista (Nova Série) v. 30, p.235-250, 1985.

MELATTI, J. C. **Índios do Brasil.** Hucitec. São Paulo , 1983.

MORAES, C. A. **Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo da variabilidade artefactual.** Tese de doutorado. São Paulo: MAE/USP, 2007.

MORAIS, J. L. **A Propósito da Interdisciplinaridade em Arqueologia.** Revista do Museu Paulista, São Paulo, v. 31, p. 56-77, 1986.

\_\_\_\_\_. J. L. **A Propósito do Estudo das Indústrias Líticas.** Revista do Museu Paulista, São Paulo, v. 32, p. 155-184, 1987.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia e o fator geo.** In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: USP, p. 3-22, 1999.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia da região Sudeste**. In: Revista USP. São Paulo: EDUSP, 1999-2000.

\_\_\_\_\_. **ProjPar**. Projeto Paranapanema – Resgate do patrimônio arqueológico da área de influência do projeto Canoas. São Paulo: MAE/USP, 1997.

NOELLI, F. S. **Sem tekoá não há teko** (Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Jacuí –RS). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1993.

PALLESTRINI, L. **Interpretação das estruturas arqueológicas em sítios do estado de São Paulo**. São Paulo, Edição do fundo de pesquisa do museu paulista da Universidade de São Paulo, 1975, vol.1.

PEREIRA, D. L. T. **Estudo da variabilidade cerâmica no contexto do baixo Paranapanema paulista, sítio arqueológico Agüinha**, Iepê, São Paulo. Trabalho de conclusão de curso. Presidente Prudente, 2007.

ROBRAHN GONZÁLEZ, E. M. **A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origem e desenvolvimento**. 1996, 232 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. **Problemática arqueológica da ocupação de grupos ceramistas no Vale do Paranapanema.** Revista *Terra Indígena*: Assis, ano XV, n. 81, p. 14-42, mar. 2000.

RODRIGUES, A. V. **Levantamento das Ocupações Pré- Históricas: três Estudos de Caso no Paranapanema Paulista.** Dissertação de mestrado. São Paulo, USP, 1987.

SCATAMACCHIA, M. C. M. **Tentativa de caracterização da Tradição Tupiguarani.** Dissertação de Mestrado. São Paulo. USP, 1981.

\_\_\_\_\_. **A tradição Policrômica no leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá:** fontes arqueológicas e etno - históricas. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1990.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura guarani.** EPU/USP, São Paulo, 1974.

SCHMITZ, P. I. O guarani: História e Pré-História. SP. In: TENÓRIO, Cristina. **Pré-História da Terra Brasilis.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SOARES, A. L. R. Guarani: **Organização social e arqueologia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SUSNIK, B. **Los Aborígenes de Paraguay**, Tomo V. Ciclo Vital y Estructura Social. Asunción. Museo Etnográfico 'Andrés Barbero'. Paraguay, 1983.

THOMAZ, R. C. C. **Arqueologia Da Influência Jesuítica No Baixo Paranapanema** : O Estudo Do Sítio Taquaruçu. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Arqueologia da USP, defendida em 1995.